

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

o fantasma da torre

ilustrações
Avelino Guedes

DIÁLOGO



editora scipione

Edição

Samira Youssef Campedelli

Assistência editorial

Dulce S. Seabra

Preparação

Geraldo A. A. Fantin

Revisão

Roberto Belli, Fernanda Bottalho
e Thiago Barbalho

Coordenação de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação

Fabio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo
Rex Design



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

2019

ISBN 978-85-262-8359-6 – AL

CL: 738012

CAE: 263227 - AL

3.^a EDIÇÃO

9.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicolelis, Giselda Laporta

O fantasma da torre / Giselda Laporta Nicolelis.
– São Paulo: Scipione, 1998. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

97-5332

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



*Para Miguel Angelo Laporta Nicoletis,
de escritor para escritor, pela cumplicidade
na aventura de viver.*

SUMÁRIO

1. A hóspede	6
2. O castelo	11
3. Esquentando as turbinas	19
4. À procura da torre	25
5. Mais um na jogada	34
6. O mistério se amplia	42
7. Tia Carolina agradece	53
8. O grande achado	58
9. Novos rumos	64
10. Quem procura acha?	72
11. Finalmente ação!	78
12. À procura de Mary Anne	85
13. São Jorge a postos	92
Epílogo	101

A hóspede

O ano escolar começara movimentado para os Giusti. Os filhos mais velhos – gêmeos de dezessete anos – estudavam no mesmo colégio. Rodolfo queria ser médico. Alto e loiro, introspectivo, vivia lendo livros de Medicina, paixão herdada dos pais, ambos cardiologistas. Já Roberto inclinava-se mais para Arquitetura. Tipo físico diferente do irmão, moreno e falante, fora apelidado pela mãe de *Jatinho*, pois não parava quieto um só instante.

A filha mais nova, Raquel, de quinze anos, terminara o primeiro grau e fora fazer *high school* nos Estados Unidos, num programa de intercâmbio cultural, morando com uma família americana. Os Giusti, por sua vez, receberiam em casa uma garota norte-americana para fazer um curso afim no Brasil.

O dia de buscar Mary Anne no aeroporto de Cumbica foi de festa. Haviam recebido, dias antes, todas as especificações a respeito de sua chegada, inclusive uma foto para reconhecê-la. Era ruiva, sardenta, da mesma idade de Raquel.

Mary Anne cativou a todos da família desde o primeiro momento. Sorridente, e falando português – sua mãe era brasileira, casada com um americano –, contou que preferira, apesar de ter parentes no norte do país, vir para São Paulo conviver com outra família, uma experiência que certamente seria mais enriquecedora.

Rodolfo e Roberto falavam um inglês regular. A garota integrou-se perfeitamente à rotina da casa: esportiva, alegre e prestativa, conquistou a todos.

Estudava pela manhã, à noite aprendia violão com Renata, a mãe dos garotos, uma exímia violonista. Mary Anne trouxera vários CDs de músicas norte-americanas de sucesso, que os garotos não se cansavam de ouvir. Ela, por sua vez, era apaixonada por samba.

Às vezes saíam para jantar, ir ao cinema, teatro, algum *show* de música popular. E sempre achavam um tempo para jogar tênis ou nadar no clube. Os dias eram divertidos e passavam rápido.

– O que você está achando da cidade? – perguntou Ricardo, pai dos garotos.

– *Beautiful!* – Mary Anne abriu um sorriso cintilante em meio às sardas. – *Very beautiful!*

– Assim mesmo, com toda a violência, caos do trânsito, poluição? – caçoou Roberto.

– *Yes, I like it very much* – confirmou a garota, animada.

Ela viera de uma pequena cidade de um condado americano, e a efervescência da grande metrópole a conquistara definitivamente. Ainda mais que a família Giusti morava num bairro onde residências modernas entremeavam-se com casarões antigos, os quais ela adorava.

Bem ao lado, por sinal, havia um casarão que o povo chamava de *castelo*, construído em estilo mouro e rodeado de amplos jardins. Tombado pelo Patrimônio Histórico, o castelo esperava há muito tempo a oportunidade de ser transformado em museu.

Uma noite, estavam os garotos em conversa animada frente a uma bacia de pipocas, quando ouviram um pio lúgubre.

– Que é isso? – perguntou Mary Anne, espantada.

– Uma coruja – disse Roberto. – A torre do castelo está cheia delas.

– Castelo? – a garota arregalou os olhos.

– É esse casarão vizinho, não sei se você reparou. Ele está fechado há muitos anos – explicou Rodolfo. – Dizem que na tal torre vive o fantasma do conde, seu primeiro dono.

– *Just a moment!* – Quando ficava entusiasmada, Mary Anne automaticamente esquecia o português e atacava de inglês. – Quer dizer que esse casarão foi mesmo o castelo de um conde?

– Autêntico – confirmou o Rodolfo. – Do tempo do Império. O Brasil teve dois imperadores: D. Pedro I e D. Pedro II.

– Ah, sim! Minha mãe sempre me conta alguns episódios da história do Brasil. Ela é vidrada em História.

– Então, como você deve saber, D. Pedro I abdicou em

1831 e D. Pedro II foi obrigado a abdicar quando se proclamou a república, em 1889.

– Ok! Mas digam-me uma coisa: vocês já visitaram esse castelo? – A garota parecia vivamente interessada.

– Nós, hein? – falou Roberto, ressabiado. – Quem garante que a história do fantasma não é verdadeira?

– Por isso mesmo! – Mary Anne deu um pulo do almofadão onde estivera sentada. – Já imaginaram que aventura seria entrar nesse castelo de noite e encontrar o fantasma do conde?

O sotaque da garota conferia um tom especial à pergunta. Mas os irmãos não se deixaram seduzir:

– De noite? Quem teria coragem? – perguntou Rodolfo. – Ainda mais com a eletricidade desligada...

– Tô fora – concordou Roberto, que apesar de falante e agitado era o mais medroso dos dois.

– Ora, levaríamos lanternas, seus bobos – riu a garota. – De noite é que teria graça, como nos filmes. Tenho uma sugestão.

“Lá vem encrenca”, – pensou Roberto.

– Vamos entrar no castelo do conde. E vamos agora mesmo!

– Tenho prova amanhã – apressou-se a dizer Roberto.

– No início do ano, cara? – gozou Rodolfo.

A garota encarou firme o rapaz:

– Não me diga que você está com medo!

– É que a mãe não vai deixar de jeito nenhum – contemporizou Roberto. – Depois, é propriedade particular, a gente não pode ir invadindo assim sem mais nem menos, sacou?

– Sacou? – Mary Anne fez uma cara de que não entendera muito bem.

Mas Rodolfo parecia tentado pela ideia absurda:

– Tá legal que é propriedade particular, mas foi tombada pelo Patrimônio Histórico; logo vira museu. A gente só ia se adiantar um pouco no tempo...

– É isso aí – Mary Anne sorriu, agradecida. – Vamos pedir permissão pra Renata.

– Tá folgando com a minha cara? – Foi a vez de Rodolfo rir. – Você é muito “politicamente correta”. Nunca que ela ia deixar...

– Sacou? – Completou Mary Anne, enquanto os dois caíam na risada. – Então vamos sem ordem mesmo!

– Sem brincadeiras, gatinha, a coisa agora é pra valer. Você tem mesmo coragem de entrar nesse castelo aí de noite? – perguntou Rodolfo. – Está todo trancado, como é que a gente ia entrar? Não está pensando em bancar a assaltante, está?

– Viu? – apressou-se a dizer Roberto. – Essa ideia é furada. Que tal a gente ouvir uns sambas, hein?

Mas Mary Anne não desistia tão facilmente:

– *Take it easy!* – Ela pensou um pouco e, de repente, teve um *insight* e deu um tapa na testa: – Minha avó paterna é de origem escocesa. Ela sempre diz que na Escócia há muitos castelos. E as crianças brincavam dentro deles, escorregando pela entrada de carvão ou lenha.

– Entrada de carvão? – Roberto começou a suar frio por antecipação. A garota era infernal. Quando punha uma ideia na cabeça, sai de perto...

– Nessas casas antigas, castelos ou não, cozinhava-se com carvão ou com lenha – continuou Mary Anne, empolgada.